DOI: https://doi.org/10.23925/1677-1222.2026vol26i2a2

CC BY NC

SEÇÃO TEMÁTICA

Razões do encolhimento espírita e do crescimento umbandista no censo de 2022

Reasons for the decline of spiritism and the growth of Umbanda followers in the 2022 census

*André Ricardo de Souza**
*Bryan Henrique Pinto***

Resumo: Após quase triplicar de tamanho, desde quando começou a ser dimensionado separadamente, entre 1980 e 2010, o segmento espírita brasileiro diminuiu no censo de 2022. No outro espectro, o contingente de adeptos dos cultos afro-brasileiros percorreu um caminho oposto, caindo à metade entre 1991 e 2010, mas triplicando de tamanho no último recenseamento. Como parte deste segmento, a umbanda está em ascensão ou recuperação demográfica. Há dados objetivos que conectam a diminuição espírita ao aumento umbandista. Fatores explicativos, tanto para a diminuição do espiritismo quanto para o crescimento da umbanda, são analisados no presente artigo, elaborado com base em consulta sistemática à literatura científica concernente, bem como avaliação dos relevantes dados quantitativos disponíveis e determinada pesquisa de campo.

Palavras-chave: Espiritismo; religiões afro-brasileiras; umbanda; censos demográficos; religiões mediúnicas.

Abstract: After nearly tripling in size, since it began to be tracked separately, between 1980 and 2010, the Brazilian Spiritist community declined in the 2022 census. On the other end of the spectrum, the number of adherents to Afro-Brazilian religions followed an opposite trajectory, falling by half between 1991 and 2010, but tripling in size in the most recent census. As part of this trend, Umbanda is experiencing demographic growth or recovery. There is objective data linking the de-cline in Spiritism to the rise of Umbanda. Factors explaining both the decline of Spiritism and the growth of Umbanda are analyzed in this article, which is based on a systematic review of the scien-tific literature, as well as an evaluation of the available quantitative data and specific field research.

Keywords: Spiritism; Afro-Brazilian Religions; Umbanda; population census; mediumistic religions.

* Doutor em sociologia e professor do Departamento de Sociologia da UFSCar. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5224-3117.

** Mestre e doutorando em sociologia pela Universidade Federal de São Carlos. É integrante do Núcleo de Estudos de Religião, Economia e Política (NEREP). ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8237-4457.

Introdução

A análise sociológica da configuração religiosa brasileira é marcada por dois processos, proporcionalmente opostos e evidenciados nos recenseamentos: o encolhimento católico e o crescimento evangélico (Pierucci, 2004; Pierucci; Prandi, 1996; Mariano, 2013; Mariz; Gracino Júnior, 2013; Oro, 2020; Souza, 2024). No censo de 2022, foi registrada a presença de tais processos, embora desacelerados, sendo eles acompanhados, mais uma vez, pelo aumento do contingente dos sem religião (Toniol, 2025). Porém, há dois deslocamentos, que, embora demograficamente bem menores, chamam a atenção: a diminuição, pela primeira vez registrada separadamente, do segmento dos espíritas e a alta expansão daquele composto pelas religiões afro-brasileiras: candomblé e umbanda, principalmente desta[1]. Neste artigo, analisamos fatores explicativos bastante prováveis dessa dinâmica específica, relacionando a diminuição do segmento espírita não apenas com o contínuo aumento daquele composto pelos sem religião, mas também com o dos umbandistas.

Há que se ter em conta o fato de o censo de 2022 ter ocorrido logo após o fim da pandemia de Covid-19, no contexto do governo de Jair Bolsonaro, algo que gerou até interpretação de que seu resultado não poderia ser integralmente considerado quanto à redução do espiritismo (Stern; Ribeiro Júnior, 2025, p. 15-16; Moreira-Almeida; Silva, 2025, p. 2-4). Feita essa ressalva quanto ao recenseamento, mas pontuando que ele fornece oficialmente os dados demográficos do país, também quanto à religião, cabe dizer que tais dados foram devidamente considerados na elaboração do presente artigo, assim como haviam sido em relação a diferentes ramificações religiosas na principal publicação sobre o tema (Teixeira; Menezes, 2026). A partir de tais dados verifica-se que, após triplicar de tamanho - desde quando começou a ser dimensionado nos censos, passando entre 1980 e 2010 de 0,7% para 2,2% - o segmento espírita diminuiu para 1,8% no recenseamento de 2022, ou seja, teve redução de quase um quinto de seu tamanho[2]. No mesmo período, as religiões afro-brasileiras - categoria que abrange umbanda, candomblé e outras religiões tradicionais e congêneres desta: batuque, xangô, tambor de mina e ifaísmo - passaram de 0,3% para 1,0%. Em trajetória oposta à dos espíritas, entre 2010 e 2022, o contingente de adeptos dos cultos afro-brasileiros mais que triplicou sua proporção. Nesse universo afro-brasileiro recenseado, o candomblé foi de 0,1% para 0,2%, sendo que a umbanda saltou de 0,21% para 0,8%. Tais dados apontam determinada alteração na composição do campo religioso brasileiro, sendo algo que demanda a devida avaliação sociológica.

A inédita diminuição demográfica espírita se deve, mais uma vez, ao crescimento do segmento dos sem religião, algo que ocorreu nos censos anteriores e com destaque no de 2010 (Lewgoy, 2013). Mas essa redução espírita está relacionada não apenas com o aumento dos irreligiosos, mas também com o aumento afro-brasileiro, capitaneado pela umbanda. Ou seja,

---

1 O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou os resultados preliminares em 06/06/2025 e os microdados em 31/08/2026. Embora o antropólogo e importante pesquisador do espiritismo, Marcelo Camurça (2026, p. 146 e 152), tenha apontado e destacado que o segmento espírita sofrera diminuição entre os censos demográficos de 1970 (2,2%) e 1980 (0,7%), o fato objetivo é que até o recenseamento de 1970 a categoria *espiritismo* abarcava também as religiões afro-brasileiras, de modo que a contabilização separadamente de espiritismo e das religiões afro-brasileiras só passou a ser feita a partir de 1980. Por esse motivo o correto é afirmar: demográfica diminuição inédita do espiritismo.

2 Embora não se possa comparar os dados censitários com os de uma corriqueira pesquisa amostral (sendo esta, naturalmente, de escopo muito menor), vale dizer que um levantamento feito entre janeiro e fevereiro de 2026, a partir de parceria entre a empresa investigativa Quaest e o Instituto de Estudos da Religião (Iser) mostrou o espiritismo com 2% e as religiões afro-brasileiras com tamanho maior: 3%. Disponível em: https://iser.org.br/religiaoevidapublicanobrasil/?utm_source=Mailing+ISER&utm_campaign=4f75bbe752-EMAIL_CAMPAIGN_2024_08_01_07_31_COPY_02&utm_medium=email&utm_term=0_-37cf2a4da5-449652164 . Acesso em: 23 set. 2026.

tais movimentos demográficos devem ser considerados conjuntamente em determinada recomposição no campo dessas que foram chamadas de religiões mediúnicas (Camargo, 1961). Internamente no segmento afro-brasileiro, se observa que a umbanda passou de 0,37% em 1991 para 0,21% em 2010, ou seja, reduziu quase à metade, enquanto no mesmo período o candomblé foi de 0,07% para 0,1%, crescendo, portanto, mais de um terço de seu tamanho[3]. Em outras palavras, enquanto a umbanda encolheu, o candomblé aumentou, em boa medida, convertendo adeptos de sua "religião irmã" (Prandi, 2013). Agora, se constata que a umbanda teve ascensão realmente grande em 2022, de modo a quase quadruplicar de tamanho, chegando a 0,8%. Observa-se que o candomblé também teve ampliação, crescendo mais do que no decênio anterior, de modo a dobrar de tamanho (0,2%). Verifica-se que, proporcionalmente, a expansão umbandista foi maior que a do segmento dos sem religião - 8% em 2010; 9,3% em 2022 - sendo este, portanto, um fator importante da redução espírita.

Analisamos três vetores explicativos da diminuição espírita[4]. O primeiro deles é o grande escândalo sexual-criminoso do renomado médium de cura não declarado espírita, mas muito interpretado como tal, João de Deus (Prandi, 2012, p. 88-90; Damasio, 2025). Já o segundo diz respeito ao controvertido posicionamento político-ideológico que teve, entre 2018 e 2021, o também bastante conhecido, e agora já falecido, médium Divaldo Pereira Franco, algo que gerou expressivas reações contrárias, como atesta a literatura científica (Signates, 2019, p. 145-146; Arribas, 2020, p. 615-617; Camurça, 2021, p. 139-142; Souza; Torres, 2022, p. 229-230). Por fim, o terceiro fator (conectado ao segundo) se refere a determinados aspectos de moral sexual e questões étnico-raciais que têm impacto também na população jovem, destacada em termos do afastamento do espiritismo, pois, conforme o censo de 2022, o maior estrato populacional espírita é aquele entre 60 e 69 anos de idade, com 2,7%, o que denota envelhecimento desse segmento religioso. Por sua vez, as religiões afro-brasileiras apresentam certos trunfos, sobremaneira junto aos jovens, que são aqui analisados, sendo seu estrato populacional maior aquele entre 25 e 29 anos de idade, com 1,4% (Prandi; Carneiro, 2026). Mas, antes, cabem considerações quanto ao que guiou metodologicamente a elaboração deste artigo.

O presente trabalho foi produzido, evidentemente, a partir da análise dos dados censitários, bem como da consulta sistemática à bibliografia de ciências sociais da religião a respeito da variação demográfica do espiritismo e das religiões afro-brasileiras. Tal consulta abrangeu duas dissertações de mestrado em sociologia, tendo sido a primeira redigida por um orientando de um dos autores do presente artigo (Pinto, 2025) e a segunda de um ex-orientando do outro autor (Guimarães, 2018).

Durante o recenseamento de 2022 - ocorrido após a pandemia de Covid 19, vale lembrar - foi perguntada a religião da população de 10 anos ou mais, sendo que o IBGE apontou, em 2025, seus resultados como preliminares, pois organizados ainda em grandes grupos de religião sem identificação de subgrupos ou denominações. A categoria "umbanda e candomblé", portanto, agregava também outras religiões afro-brasileiras, sendo a umbanda o principal vetor da expansão dos cultos afro-brasileiros.

---

3 Cabe ser dito que no censo de 1980, as religiões afro-brasileiras ainda não estavam desmembradas em candomblé e umbanda.

4 Um quarto fator, secundário, que será abordado, embora sem a mesma consideração, diz respeito ao fato de frequentadores de centro espíritas, sobremaneira jovens, afirmarem ser muito sisudas e enfadonhas as sessões públicas realizadas neles (Guimarães, 2018; Pinto, 2025).

Cabe lembrar também a necessidade de se evitar uma leitura ingênua do censo demográfico. Como lembra Pierre Sanchis (2008), o campo religioso brasileiro é marcado por porosidade, trânsito, dupla pertença e sincretismos. O recenseamento, por sua natureza, exige uma resposta classificatória única, mas a religiosidade, por vezes, é múltipla. Uma pessoa pode transitar entre sessão espírita, gira umbandista, missa católica e ainda declarar-se "espiritualista" ou "sem religião" (Novaes, 2026). O censo constitui uma robusta fotografia do país a cada década, mas quando se trata de religião há certa fragilidade em não captar a intensidade da dupla pertença e do trânsito religioso (Mafra, 2013; Toniol, 2025).

Pode-se dizer que os dados censitários não medem crença, caracterizada por frequência ritual, tampouco o pertencimento duplo ou múltiplo em segmentos religiosos, mas sim a autodeclaração. No caso das religiões afro-brasileiras, a autodeclaração é particularmente relevante porque elas foram historicamente subnotificadas, tanto devido às circunstâncias históricas de sua formação, quando o catolicismo era a religião oficial do país, quanto ao preconceito e à discriminação, fenômeno este hoje, por vezes, chamado de racismo religioso (Deus, 2019; Giumbelli; Machado, 2026; Oro, 2026). Cabe destacar que parte dos adeptos dos cultos afro-brasileiros, sobremaneira da umbanda, sempre se autodeclarou espírita, algo que reduziu no censo de 2022 (Toniol, 2025, p. 14; Lacerda; Santos; Balloussier; Pretto, 2025; Damasio, 2025; Camurça, 2026, p. 151; Prandi; Carneiro, 2026).

A umbanda é um caso especialmente problemático quando se trata de quantificar adeptos, tendo sido inicialmente denominada "espiritismo de umbanda" (Camargo, 1961), não sendo incomum ainda hoje parte dos umbandistas se denominarem espíritas (Lewgoy, 2013). Acreditamos ser justamente este ponto uma das chaves para a compreensão do crescimento demográfico afro-brasileiro e da diminuição espírita, algo que será esmiuçado.

A variação quantitativa espírita

O espiritismo se consolidou como uma religião bastante relevante no território nacional, estando atrás apenas do contingente dos católicos (56,7%) e dos evangélicos (26,9%). Sua importância, cabe lembrar, decorre também do fato de ser uma das matrizes da umbanda (ao lado de catolicismo e candomblé) e se fazer bastante presente em telenovelas e no cinema. Vale dizer ainda que o Brasil é o maior país espírita e o maior exportador dessa religião (Lewgoy, 2011).

Tendo chegado ao Brasil já na década de 1860, uma apenas após o seu surgimento na França, o espiritismo se caracterizou como um segmento religioso alinhado a uma parcela da sociedade bastante intelectualizada, tendo *O Livro dos Espíritos* (1857), de Allan Kardec, sido publicado em português aqui em 1875 (Aubrée; Laplantine, 2009). Desde sua chegada, o espiritismo é objeto de um debate entre duas correntes, sendo uma cientificista e a outra religiosa (Souza; Arribas; Simões, 2017) que ressalta seu caráter caritativo e cristão[5]. Diferente do que ocorrera no território francês, a vertente religiosa prevaleceu a partir da virada dos séculos XIX e XX, sob a liderança do médico cearense Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900), que havia sido um dos responsáveis pela formação da Federação Espírita Brasileira (FEB) em 1884. A ênfase religiosa cristã de Menezes era conjugada à prática assistencial gratuita, algo que propiciou a legitimação social do espiritismo e se consolidou como uma parte estrutural dessa religião no país (Giumbelli, 1998; Arribas, 2010; Souza, 2024, p. 40-44).

5 A central devoção a Jesus Cristo e a materialização do princípio cristão da caridade em suas obras e atividades assistenciais tornam, sociologicamente, o espiritismo parte do cristianismo no Brasil (Souza, 2024).

O espiritismo brasileiro passou de uma minoria religiosa perseguida para uma alternativa devocional socialmente bastante aceita (Lewgoy, 2006). Seguiu tal percurso propiciando curas espirituais e uma doutrina explicativa dos infortúnios com base na reencarnação. Trata-se de uma religião, destacadamente, da prática letrada (Lewgoy, 2013). A autoridade espírita tem no transe mediúnico um de seus aspectos, contemplando também o cultivo da obra escrita e da oralidade moralizadora mediante palestras públicas. Tais traços e seu trabalho assistencial fizeram com que o espiritismo ocupasse uma posição privilegiada no campo religioso brasileiro, em comparação com os cultos afro-brasileiros, marcados pela magia e por certo estigma (Maggie, 1992).

Depois de Menezes, o protagonista espírita e grande propagador dessa religião no Brasil foi o médium mineiro Francisco Cândido Xavier, ou Chico Xavier (1910-2002), que psicografou mais de 400 livros, sendo a venda deles revertida a instituições espíritas e suas obras assistenciais (Lewgoy, 2004). Ele iniciou, na década de 1950, uma prática que se tornou estrutural desse segmento religioso e reafirma sua identidade cristã, caracterizada pelo estudo familiar-doméstico do livro de Kardec *O Evangelho segundo o Espiritismo*, algo que está na origem de uma parcela dos centros espíritas do país (Souza; Torres, 2022; Souza; Andrade, 2024).

Chico Xavier viria dar um impulso maior na popularização do espiritismo ao participar por duas vezes, em julho e dezembro de 1971, do programa Pinga Fogo, da TV TUPI, com alta audiência. Naquela década e na seguinte, ele tomaria parte de outros programas televisivos de entrevistas com menor audiência, na mesma emissora e em outras mais. Tais participações de Xavier contribuíram bastante para a popularização espírita nacional.

Nos censos até 1970, os adeptos do espiritismo eram contabilizados junto com os das religiões afro-brasileiras, o que constituía uma limitação objetiva em termos do dimensionamento real do seu crescimento. Em 1980, 1991, 2000 e 2010, o IBGE registrou, respectivamente, as seguintes cifras espíritas: 0,7%, 1,1%, 1,4% e 2,2%. Verifica-se, portanto, que em quatro décadas, desde quando passou a ser dimensionado separadamente, o segmento espírita triplicou de tamanho.

Em 2010, mais uma vez, Chico Xavier, já falecido havia oito anos, deu o terceiro grande impulso ao crescimento demográfico espírita. Naquele ano em que ele completaria um centenário de vida, foram lançados no cinema dois longas-metragens com grande bilheteria. O primeiro, homônimo e produzido pela Globo Filmes, entrou em cartaz quando Xavier faria aniversário, em 2 de abril, chegando a alcançar um público de 3,4 milhões de pessoas. Já o segundo estreou cinco meses depois, recebendo o nome do livro mais vendido do médium, "Nosso Lar", e atingindo um público de mais de quatro milhões de expectadores. Além disso, vários eventos ocorreram no meio espírita em comemoração da efeméride. O principal deles foi o 3º Congresso Espírita Brasileiro, quando foi lançado pela FEB o Novo Testamento contendo apenas os evangelhos e o livro *Atos dos Apóstolos*, traduzido do grego por Haroldo Dutra Dias, um palestrante bastante conhecido nesse meio religioso. Tal publicação contribuiu para a proliferação de espíritas grupos de estudos bíblicos, compostos sobremaneira por jovens e chamados individualmente de Núcleo de Estudos e Pesquisas do Evangelho - NEPE (Torres, 2019).

Tudo leva a crer que o crescimento do espiritismo prosseguiu após 2010, porém algo fez tal processo se inverter em determinado momento daquela década, pois no recenseamento de 2022, como dito, o contingente espírita teve diminuição pela primeira vez, reduzindo de 2,2% para 1,8%, ou seja, quase um quinto do seu tamanho. Os motivos bastante prováveis para tal fato, aqui já apontados, serão discutidos mais adiante.

O contingente espírita é composto predominantemente por pessoas de classe média e com elevada escolaridade (Camurça, 2026). Os dados do censo de 2022 confirmam tal caracterização social do espiritismo. Também apresenta forte concentração entre pessoas brancas (63,8%). De

outro lado, as religiões afro-brasileiras têm, comparativamente, contingente maior de pessoas negras (pretos e pardos), 56,4%, um pouco abaixo dos evangélicos com 61,1% (Prandi; Carneiro, 2026, p. 165). Por fim, o segmento espírita tem acima de 60 anos (24,3%), o que faz a população adepta dessa religião ser mais idosa do que a média nacional, que é 16,6%. Verifica-se que, além de terem perdido participação relativa na população geral, o contingente espírita envelheceu (Toniol, 2025; Moreira-Almeida; Silva, 2025, p. 14; Camurça, 2026, p. 151).

O ativismo de parte das lideranças espíritas, especialmente quanto à valorização da vida e a obra de Chico Xavier, é algo destacado, quanto mais em termos das produções cinematográficas (Lewgoy, 2013). Mas, como visto, o crescimento demográfico do espiritismo foi interrompido e, mais que isso, refluiu em algum momento da década anterior. Esta é uma realidade objetiva cuja avaliação sociológica apresentamos a seguir, a partir de três fatores que são notórios quanto à condição atual do segmento espírita.

O criminoso médium João de Deus

O primeiro fator que muito provavelmente explica o recuo do espiritismo é o caso do médium João Teixeira de Faria, conhecido como João de Deus, que, embora fosse espiritualista, em vez de espírita – sobremaneira devido à exploração comercial de sua prática mediúnica - era amplamente interpretado como tal (Prandi, 2012, p. 88-90; Souza, 2017, p. 123-130; Damasio, 2025). Goiano do interior, João de Deus, ainda jovem, teve contato com experiências mediúnicas, frequentando um centro espírita de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Em busca de trabalho profissional, percorreu localidades das regiões Norte e Centro-Oeste, realizando curas e utilizando sua mediunidade também para a exploração de garimpo. Em dado momento, se estabeleceu no município goiano de Abadiânia, onde fundou um templo denominado Casa de Dom Inácio (Rocha, 2015). Devido às cirurgias espirituais, recebeu crescentes visitas de políticos, empresários e artistas. Seu renome se ampliou para o exterior após ele receber, atender e dar entrevista em 2012 à famosa apresentadora da TV americana Oprah Winfrey. Eventos de cura realizadas por ele entre 2006 e 2007 na Nova Zelândia e entre 2011 e 2012 na Alemanha haviam impulsionado sua popularidade internacional (Rocha, 2015).

Em 2018, nada menos que 12 mulheres denunciaram ter sido sexualmente abusadas pelo médium, desde 2010. Tais denúncias e parte do depoimento das vítimas foram exibidos no programa televisivo da Globo "Conversa com Bial". Havia entre as vítimas uma holandesa de 34 anos que tinha visto a entrevista dele com Winfrey e veio ao Brasil em busca de atendimento. Isso foi o estopim para várias outras denúncias. João de Deus foi preso em dezembro de 2018, sendo que as penas e condenações resultantes das 16 denúncias envolviam crimes sexuais. O médium foi condenado em primeira instância a 480 anos de detenção. Em março daquele ano, sua pena foi reduzida a 211 anos, após julgamento de recursos no Tribunal de Justiça de Goiás, por este ter acolhido a tese apresentada pela defesa reconhecendo a prescrição e o arquivando de alguns de seus crimes, de modo a reduzir as penas aplicadas. Desde 2021, ele cumpre prisão domiciliar na cidade também goiana de Anápolis (Souza, 2017, p. 133).

Embora João de Deus não se declarasse espírita, dizendo que era "ecumênico" o templo que ele conduzia, o fato é que junto à opinião pública o médium é inegavelmente relacionado com o espiritismo, em boa medida. O escândalo criminoso que o atingiu, portanto, afetou também, de algum modo, a religião associada popularmente a ele.

O controverso médium Divaldo Franco

O segundo fator, sociologicamente menos importante, que influenciou na diminuição demográfica do espiritismo diz respeito ao posicionamento político-ideológico do também conhecido médium Divaldo Pereira Franco (1927 - 2025). Baiano de Feira de Santana, ele fundou no ano 1952 em Salvador uma instituição espírita chamada Mansão do Caminho que veio a se caracterizar como um amplo complexo assistencial, envolvendo escola integral, maternidade, ambulatório, oficinas profissionalizantes, sendo toda a obra financiada, em parte, pela venda dos mais de duzentos livros psicografados pelo próprio médium, ou seja, algo que lhe conferiu expressivo reconhecimento nesse meio religioso (Souza, 2024, p. 42). Tal reconhecimento se deve ao fato de a maior parte da difusão espírita do Brasil a outros países ser atribuída às muitas viagens que Franco realizou proferindo palestras (Lewgoy, 2011). Após o falecimento de Chico Xavier em 2002, ele se tornou a principal referência do espiritismo, tendo sido também retratado no cinema, em 2019, em uma produção da Globo Filmes.

Em fevereiro de 2018, durante o 34º Congresso Espírita de Goiás, Divaldo Franco respondeu à pergunta de um grupo de jovens sobre a chamada "ideologia de gênero", afirmando que "a tese é profundamente comunista e foi lançada por Marx". Além de mencionar "cartilhas depravadas" atribuídas ao Ministério da Educação, enalteceu o então juiz federal Sergio Moro. Tal resposta - transmitida ao vivo pela internet e intensamente reproduzida - teve significativo impacto nesse segmento religioso, como atestam pesquisas realizadas de cientistas sociais da religião (Arribas, 2020, p. 615-617; Camurça, 2021, p. 139-142; Souza; Torres, 2022, p. 229-230). Ela gerou forte reação de militantes espíritas liberais quanto às relações de gênero, que passaram a expressar publicamente as posições politizadas e intolerantes desse tipo no cotidiano dos centros espíritas (Arribas, 2020).

Outra controvérsia, embora menos ruidosa, envolveria Franco por ocasião da pandemia de Covid 19. Estando já com 93 anos, ele optou por se vacinar pela primeira vez com quase dois meses de atraso, em abril de 2021, após ter feito críticas à vacinação. Além disso, publicou no ano seguinte um livro psicografado, intitulado *No rumo do mundo da regeneração*, onde é insinuado que o vírus teria sido produzido em algum laboratório chinês e é recomendado o chamado tratamento precoce com remédios ineficazes, sendo ambas as coisas rechaçadas cientificamente (Souza; Simões, 2022).

Como as religiões são evidentemente parte da esfera pública, elas participam da produção de discursos, disputam categorias morais e intervêm em controvérsias (Montero, 2006). O espiritismo, que cultivara uma imagem de neutralidade política e apego à ciência, viu-se atingido pelas controvérsias provocada pelo médium que se tornara sua maior autoridade, algo que teve consequências neste segmento religioso. Diante de tal realidade, a juventude aparece como segmento social bastante relevante. Não se trata apenas de uma faixa etária, mas de um contingente mais atento e envolvido em debates sobre gênero e sexualidade. Vale lembrar que foi entre os jovens entre 16 a 29 anos que Jair Bolsonaro teve sua maior rejeição, de 67%, conforme levantamento do Instituto Datafolha divulgado em 27 de julho de 2022. Em boa medida, os polêmicos posicionamentos de Divaldo Franco repeliram jovens, sobremaneira os universitários, que são mais informados e críticos também[6].

6 Neste sentido cabe dizer que o segmento jovem, que é destacado no afastamento do espiritismo e na opção pelas religiões afro-brasileiras, tem registrado grande presença no contingente dos sem religião, também em censos demográficos anteriores (Novaes, 2026).

Para jovens que lidam bem e até valorizam a diversidade sexual e a igualdade de gênero, a associação do espiritismo com tais posições bastante controversas parece realmente ter causado afastamento. Verifica-se que a identidade espírita era, antes, percebida como racional e acolhedora, algo mostrado, principalmente, no primeiro programa Pinga Fogo em que Chico Xavier chamou atenção para a normalidade dos homossexuais e bissexuais, daí o necessário respeito e acolhimento a eles, conforme o médium afirmava (Guimarães, 2018 p. 74). Mas tal identidade passou a ser contestada, em certa medida, pela proximidade do segmento espírita com pautas autoritárias e até excludentes (Damasio, 2025).

Dados de pesquisas realizadas na área de ciências sociais da religião nas cidades paulistas de São Carlos (Pinto, 2025, p. 28-29) e Bauru (Guimarães, 2018), e na paraibana Campina Grande (Pereira, 2020), explicitaram o fato de o espiritismo ter dificuldade para acolher, integrar e manter em seus centros jovens homossexuais. No outro espectro, a umbanda se apresenta com alguns trunfos em relação ao espiritismo, sendo mais atraente, especialmente aos jovens, devido a seus aspectos festivos e lúdicos, bem como à abertura maior às questões de gênero e sexualidade, portanto à homossexualidade. Isto ocorre no lado umbandista, enquanto o espiritismo se mantém rígido e sisudo, caracterizado em boa medida por um tipo de moral cristã conservadoramente intolerante em relação a tais aspectos.

O crescimento da umbanda

A expansão das religiões afro-brasileiras, registrada no censo de 2022, deve ser lida sem desmerecer o fundo histórico de estigmatização sofrido por elas. Nunca é demais lembrar que tais religiões foram alvo de repressão policial, demonização e intolerância (Prandi, 2023). Declarar-se adepto de um desses cultos permanece sendo algo não tão simples em face de determinado estigma que subsiste, de algum modo ainda, na sociedade brasileira[7]. Nesse segmento, a umbanda tem determinada relação histórica de subalternidade em relação ao espiritismo, algo marcante no modo como ela era inicialmente chamada: "baixo espiritismo" e "espiritismo de umbanda" (Camargo, 1961). Tal religião tem certa peculiaridade em termos da quantificação de seus seguidores, sendo ainda relativamente comum, vale frisar, parte dos umbandistas se denominarem espíritas (Lewgoy, 2013; Prandi, 2013).

Surgida no Rio de Janeiro da década de 1920, a partir de dissidentes espíritas, a umbanda mescla rituais advindos do candomblé, do espiritismo, do catolicismo e de certo esoterismo oriental mediante intenso sincretismo (Ortiz, 1978; Brown, 1985). Ela tem faces inerentes à magia do candomblé e outras próprias da moralidade cristã, tanto espírita quanto católica (Negrão, 1996). Há, portanto, determinada versatilidade nela, algo que, atualmente, se mostra como uma vantagem em relação ao espiritismo, em termos de atração e manutenção de adeptos.

Reginaldo Prandi (2013) pondera que os números censitários das religiões afro-brasileiras devem ser interpretados com cautela, pois sua abrangência social é maior que a autodeclaração de seus adeptos, dada a expressiva presença nas diferentes formas culturais: música, culinária, dramaturgia, ainda que muitos de seus adeptos optem por se autodenominar espíritas. Contudo, este cenário mudou, ao menos em parte, nos últimos anos, havendo certa mobilização a respeito dos chamados filhos de santo no período censitário para a autodeclaração como afro-brasileiros (Vital da Cunha, 2025; Prandi; Carneiro, 2026).

7 Embora tal realidade tenha mudado parcialmente, conforme o censo de 2022, em função da afirmação cultural afro-brasileira (Prandi; Carneiro, 2026).

Algo relevante a ser destacado é o fato de o aumento do contingente espírita entre 2000 e 2010 ter sido mais expressivo na Região Sudeste, de modo a passar de 2% para 3,1%, crescendo, portanto, a metade do seu tamanho (Toniol, 2025). Mas em 2022, a população espírita registrada na região foi 2,7%, ou seja, teve diminuição de 0,4%. Em contrapartida, foi no Sudeste que o segmento afro-brasileiro marcou o maior crescimento, saltando de 0,4% em 2010 para 1,4% em 2022, portanto, mais que triplicando. Isso denota correlação entre o movimento demográfico de um segmento religioso com o outro.

O fator etário também aponta para essa correlação, pois enquanto o espiritismo apresenta uma população mais velha, estando 28,4% com 60 anos ou mais, e 37,8% entre 40 a 59 anos, as religiões afro-brasileiras apresentam contingente populacional mais jovem, sendo 36,8% com menos de 29 anos de idade[8]. Observa-se que o crescimento afro-brasileiro em 2022 indica não apenas aumento de novas conversões, mas mudança em termos da autodeclaração. Aquilo que antes era vivido em segredo, disfarçado e, portanto, classificado de outro modo, passa a ser assumido publicamente. Neste sentido, a autodeclaração constitui uma afirmação de identidade que se sobrepõe a preconceitos, algo que indivíduos mais intelectualizados chegam a associar com uma política de reconhecimento que foi discutida por relevantes intelectuais estrangeiros (Santos, 2021).

Nesse processo, o componente étnico-racial é fundamental. Como destacado nos dados do censo, as religiões afro-brasileiras têm uma predominância de pessoas negras (pretos e pardos), 56,4%. Há, portanto, certo processo de valorização da cultura negra (Prandi; Carneiro, 2026), algo que já havia sido observado, em certa medida, no recenseamento de 2010 (Duccini; Rabelo, 2013, p. 232). Pode-se dizer que o reconhecimento do racismo religioso produz novas condições de legitimidade nos terreiros (Miranda, 2021). Declarar-se adepto da umbanda, e principalmente do candomblé, significa em alguns casos afirmação de ancestralidade, crítica do apagamento cultural negro e certa resistência à demonização das religiões afro-brasileiras (Iser, 2025).

Nesse ponto há uma significativa clivagem entre as religiões afro-brasileiras e o espiritismo. Ao tempo de Allan Kardec, era efetivamente comum a ciência eurocentrada se basear, em boa medida, em pressupostos racistas. Ele havia adotado parte destas ideias, consideradas científicas à época, sendo em seu caso especificamente referente à frenologia, pseudociência que analisava a moralidade e a capacidade intelectual das pessoas através da medição do crânio. Há dois textos de Kardec com passagens que representam este imaginário, o primeiro é "Frenologia espiritualista e espírita: perfectibilidade da raça negra", publicado em 1862 na *Revista Espírita,* e o segundo é "Teoria da Beleza", inserido no livro *Obras Póstumas*, publicado em 1890.

Como consequência dessas distorções raciais, em 2006, o Ministério Público Federal (MPF) da Bahia recebeu reclamações contra as afirmações racistas presentes nas obras de Kardec. Com efeito, o MPF firmou um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) com a FEB, a Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP) e mais seis editoras espíritas, exigindo que houvesse notas de rodapé em livros com o "esclarecimento aos trechos nos quais se pode vislumbrar conteúdo discriminatório ou preconceituoso". Ao todo, foram listados 106 trechos nas publicações: *O Livro dos Espíritos; O Livro dos Médiuns; O Evangelho segundo o Espiritismo; O que é o Espiritismo; O Espiritismo na sua Expressão mais Simples; Obras Póstumas*, além de edições da *Revista Espírita*[9].

8 Tal segmentação populacional específica, bem como as demais a seguir, infelizmente, só podem ser feitas em relação ao bloco das religiões afro-brasileiras, não em relação à umbanda separadamente, conforme os dados disponibilizados pelo IBGE.

9 Disponível em: TAC - MPF - BAHIA - suposto conteúdo discriminatório de trechos de obras literárias de Allan Kardec, em relação a pessoas negras e outras etnias.pdf. Acesso em 15 mai. 2025.

Como reação a isso, em 2020, um grupo denominado Coletivo de Espíritas à Esquerda publicou no Dia da Consciência Negra, 20 de novembro, *O Evangelho segundo o Espiritismo: Edição Antirracista*[10], e em 2021, o mesmo ocorreu com *O Livro dos Espíritos: Edição Antirracista*[11]. Em ambas as publicações os trechos adaptados não estão em notas de rodapé, mas sim em tamanho normal de letra, destacadamente, logo após o texto original, facilitando a comparação de ambos. Porém o subtítulo 'antirracista' dessas publicações e o fato de elas terem sido editadas por um grupo com o termo 'esquerda' no nome fizeram com que elas fossem maciçamente rejeitadas no meio espírita, com significativas feições político-ideológicas conservadoras.

Pode-se dizer que em decorrência de tais polêmicas, parte dos jovens, especialmente os negros e pardos, se afastou do espiritismo e se aproximou das religiões afro-brasileiras, principalmente da umbanda, encontrando em tal vertente religiosa acolhida, bem como um espaço de valorização da identidade étnico-racial deles. Além disso, como dito, os cultos afro-brasileiros têm efetivamente maior abertura a pessoas LGBTQIA+[12], embora varie entre grupos de terreiros o grau de acolhimento a pessoas consideradas desviantes em termos de gênero e sexualidade (Pinto, 2025). Numa sociedade em que juventude, gênero e sexualidade se tornaram eixos importantes de identidade, tal abertura tem peso em termos de atração e conversão. Isso não é novidade, pois historicamente as religiões afro-brasileiras sempre demonstraram maior abertura às questões de gênero e sexualidade do que as religiões cristãs (Birman, 1995; Fry, 1982; Prandi, 2025).

O fato de a umbanda ter aparecido com crescimento destacado no censo de 2022 se coaduna com determinado aspecto da teoria sociológica sobre religião no Brasil. Cândido Procópio Ferreira de Camargo (1961) formulou o conceito de *continuum mediúnico*, situando espiritismo e umbanda em um campo de relações, aproximações e distanciamentos. Embora criticado por Roger Bastide (1967) e reinterpretado por autores posteriores (Ortiz,1978; Negrão, 1996), esse conceito continua bastante útil para pensar a circulação de adeptos entre religiões mediúnicas (Camurça, 2017). A umbanda ocupa lugar estratégico em tal continuum. Sua gramática religiosa inclui mediunidade, caridade, atendimentos de cura e aconselhamento (Negrão, 1996). Essa face torna a umbanda especialmente atraente para pessoas que já possuem familiaridade com temas como mediunidade, passe, evolução espiritual e caridade, mas que buscam uma experiência religiosa mais corporal, musical e identitária. A pesquisa realizada cidade de São Carlos (Pinto, 2025) mostrou que a trajetória religiosa da maioria dos médiuns revelava duas transições religiosas: um grupo com origem católica, que se tornou umbandista, e outro com passagem pelo espiritismo, que também migrou para a umbanda, sendo ambos compostos sobremaneira por jovens LGBTQIA+. Se tal fato é verificado em um município de interior de estado, com cerca de 266 mil habitantes, depreende-se que há forte tendência de estar ocorrendo, e com mais intensidade, em cidades maiores, quanto mais em parte das capitais brasileiras onde os costumes são sabidamente mais liberais.

Renato Ortiz (1978) interpretou a umbanda como uma religião da sociedade brasileira moderna, enquanto produto de um duplo movimento: embranquecimento de elementos afro-brasileiros e enegrecimento de práticas espíritas. Por sua vez, Lísias Negrão (1996) ressaltou a complexidade da umbanda entre a moralidade cristã e a magia de origem africana. No contexto atual, tal caráter sincrético parece tornar a umbanda especialmente atraente. Trata-se

10 Disponível em: https://espiritasaesquerda.com.br/eseantirracista/. Acesso em 15 mai. 2025.

11 Disponível em: https://espiritasaesquerda.com.br/oleantirracista/. Acesso em 15 mai. 2025.

12 Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros/travestis, queer, intersexo e assexuais.

de algo efetivamente diferente do ocorrido no recenseamento de 2010, quando a umbanda se caracterizou como grande doadora de adeptos ao candomblé, por um lado, e principalmente ao pentecostalismo, por outro (Duccini; Rabelo, 2013, p. 232; Prandi, 2013). O fato de ter havido crescimento evangélico arrefecido em 2022 - quando sua cifra passou para 26,9% em relação 21,6% do censo anterior, sendo que havia marcado 15,4% em 2000 - reforça tal interpretação.

Para jovens que buscam o transe religioso sem aderir a doutrinas rígidas, a umbanda oferece tanto experiência ritual quanto acolhimento. Quanto às pessoas oriundas do espiritismo, ela oferece continuidade mediúnica com maior aprofundamento das pautas étnico-raciais, bem como de gênero e sexualidade. No entanto, cabe dizer, o crescimento afro-brasileiro não é exclusivamente negro. Os dados de 2022 indicam a soma de umbanda e candomblé como o segundo grupo religioso com maior proporção de pessoas com ensino superior completo, atrás apenas dos espíritas, havendo, portanto, certo grau de intelectualização. O crescimento afro-brasileiro ocorre também entre pessoas escolarizadas e conectadas a pautas contemporâneas, cuja preponderância é de jovens (Prandi; Carneiro, 2026).

Para Hervieu-Léger (2008), o indivíduo moderno tende a compor trajetórias religiosas móveis nas quais crença, prática ritual, herança familiar e identidade cultural nem sempre coincidem. Isso se aplica diretamente ao caso brasileiro. Uma pessoa pode ter sido criada em família espírita, frequentar ocasionalmente terreiros, assumir identidade umbandista e declarar-se sem religião (Novaes, 2026). Os censos registram apenas uma resposta estatística, mas esta é produto de trajetórias complexas e porosas (Sanchis, 2008).

No atual contexto, a diminuição do espiritismo indica determinada perda de força da categoria censitária "espírita", ainda que típicas crenças espíritas continuem circulando. Muitos brasileiros seguem acreditando em reencarnação e mediunidade sem necessariamente se declarar adeptos do espiritismo. Por outro lado, o crescimento afro-brasileiro, destacadamente da umbanda, pode expressar sentimento de maior liberdade e consequente disposição para a declaração da religiosidade de matriz africana. O que cresceu não foi apenas a frequência a terreiros, mas tal autodeclaração.

A análise dos dados por unidade da federação indica que a retração espírita não ocorreu de maneira homogênea no território nacional. O estado em que o espiritismo mais diminuiu de tamanho foi o Rio de Janeiro, onde a proporção de adeptos passou de 4,3% em 2010 para 3,5% em 2022, portanto, uma redução de 0,8%. Trata-se de um dado expressivo, pois o território fluminense tem certa tradição histórica ligada ao espiritismo e às religiões afro-brasileiras também[13]. A queda naquele é estado, portanto, algo sociologicamente significativo.

Depois do Rio de Janeiro, as maiores quedas do espiritismo se deram em São Paulo, com 0,6%, passando de 3,5% para 2,9%, e no Rio Grande do Sul, com redução de 0,4%, caindo de 3,3% para 2,9%. Esses casos sugerem que o recuo do espiritismo é mais intenso em contextos urbanos de grandes cidades do Sul e do Sudeste, justamente aqueles que historicamente são bastante marcados pela presença de centros espíritas.

No outro polo, as religiões afro-brasileiras, cresceram de forma mais intensa no Rio Grande do Sul, onde passaram de 1,5% em 2010 para 3,2% em 2022, aumento de 1,7%. Esse é o maior crescimento registrado entre todas as unidades federativas. Tal dado se coaduna com o fato de o estado gaúcho possuir tradição consolidada de religiões afro-brasileiras, contemplando o batuque e a umbanda (Oro, 2025).

13 Vale dizer, deste sentido, que tanto a espírita FEB quanto a umbanda, respectivamente, no final do século XIX e início do século XX, surgiram na cidade do Rio de Janeiro.

O segundo maior crescimento ocorreu no Rio de Janeiro, onde a soma de umbanda e candomblé passou de 0,9% para 2,6%, um aumento de 1,7%. Esse dado tem particularmente importância porque é onde, ao mesmo tempo, o espiritismo mais reduziu, sendo um dos estados onde as religiões afro-brasileiras mais cresceram. Tal convergência reforça a avaliação de que parte da mudança censitária está relacionada a uma recomposição do campo mediúnico, envolvendo reclassificação religiosa, maior disposição de declarar adesão afro-brasileira, bem como afastamento da identidade espírita tradicional.

Em seguida, aparece São Paulo, onde o segmento composto por umbanda e candomblé cresceu de 0,3% para 1,5%, acréscimo de 1,2%. Assim como o Rio de Janeiro, São Paulo combina forte tradição espírita, presença histórica da umbanda e crescimento recente da declaração afro-brasileira.

Esses dados indicam que a relação entre a diminuição espírita e o aumento afro-brasileiro é mais visível em alguns estados, com destaque para Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Neles, há simultaneamente retração expressiva do espiritismo e expansão acentuada de umbanda e candomblé. Isso não permite afirmar que os indivíduos que deixaram de se declarar espíritas passaram automaticamente a se dizer afro-brasileiros, mas sustenta a avaliação de que há uma mudança mais ampla nas formas de identificação das pessoas às religiões mediúnicas.

Observa-se que o censo de 2022 registrou determinada reorganização do universo das principais religiões mediúnicas no Brasil. O espiritismo perdeu força relativa em alguns de seus territórios mais importantes, enquanto a soma de umbanda e candomblé obteve maior presença, com destaque para o segmento umbandista. O dado pode expressar tanto novas adesões quanto a declaração mais aberta de pertencimentos antes ocultados por estigma ou preconceito. Nos estados com maior densidade urbana e tradição de religiões mediúnicas - Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul - há uma forte associação entre a redução espírita e crescimento afro-brasileiro.

Os crimes sexuais de João de Deus e a controvertida politização conservadora de Divaldo Franco contribuíram bastante para o desgaste da identidade espírita entre parcelas jovens, escolarizadas, atentas e sensíveis a pautas de gênero e sexualidade. Por outro lado, as religiões afro-brasileiras parecem se beneficiar de um processo de afirmação pública no qual a declaração censitária pode expressar tanto novas adesões quanto a visibilização de pertencimento antes ocultado.

Considerações finais

A diminuição do espiritismo e o aumento da umbanda, principalmente da umbanda, no censo de 2022 expressam uma recomposição do campo religioso brasileiro. O espiritismo permanece como a terceira força religiosa do país, mas enfrenta um grande desafio de reprodução geracional, algo que se soma a disputas internas frente a pautas contemporâneas, que são importantes sobremaneira para os jovens (Novaes, 2026). Por sua vez, os cultos afro-brasileiros, quanto mais a umbanda, crescem em um contexto de maior valorização por jovens da cultura negra e da diversidade cultural, contemplando gênero e sexualidade (Prandi; Carneiro, 2026).

Foram analisados três fatores que auxiliam a compreender a diminuição do espiritismo e o aumento da umbanda. O primeiro deles constitui a série de crimes cometidos pelo médium de cura João de Deus, amplamente interpretado como espírita, embora não o fosse, algo que causou danos à imagem do espiritismo. O segundo, ligado à liderança do também médium Divaldo Franco e seus controvertidos posicionamentos político-ideológicos, enquanto gerou desgaste e

parece ter provocado afastamento de adeptos, quanto mais o segmento de jovens. Neste sentido, cabe ressaltar que a liderança religiosa anterior, Chico Xavier, havia dado contribuição decisiva para a popularização e o crescimento do espiritismo no país. Pode-se dizer que a fala de Xavier sobre a questão da sexualidade no programa Pinga Fogo teve, em boa medida, efeito contrário à de Franco, ocorrida no evento espírita e amplamente difundida. Enquanto o vídeo recortado de YouTube do primeiro circula bastante, o do segundo foi apagado, sem que isso anulasse o efeito danoso que causou ao segmento espírita. Cabe dizer ainda que tanto o escândalo de João de Deus quanto a controvérsia de Divaldo Franco ocorreram em 2018, ano em que parece ter sido marcante o refluxo espírita.

Já o terceiro fator explicativo, intrinsecamente ligado ao segundo, constitui o afastamento de jovens. Neste sentido, cabe ressaltar que já havia ocorrido diminuição progressiva na transmissão da adesão ao espiritismo de pais a seus filhos, entre 1980 e 2010 (Almeida; Barbosa, 2013, p. 322; Almeida; Silva, 2025, p. 14). Mas o afastamento mais acentuado de jovens, verificado no censo de 2022, se deveu à falta de atratividade no segmento espírita, tanto ritual quanto em termos de moralidade intransigente, sobremaneira quanto às questões de gênero e sexualidade, fato este constatado a partir de pesquisas de campo (Guimarães, 2018; Pereira, 2020; Pinto, 2025). No outro espectro, a umbanda se mostra mais atrativa aos jovens, dada a maior abertura a tais questões, além do debate étnico-racial, dois pontos controversos e, em grande medida, interditados no espiritismo.

Verifica-se que o censo de 2022 registrou uma mudança interna nas religiões mediúnicas, embora o contínuo aumento do segmento dos sem religião (de 8,0% em 2010 para 9,3% em 2022, vale lembrar) também tenha tido algum impacto, outra vez, no contingente espírita. Observa-se que o espiritismo perde parte de sua força como identidade entre determinados segmentos sociais, principalmente o de jovens, enquanto as religiões afro-brasileiras, sobremaneira a umbanda, ganha. Eis uma face efetivamente relevante do atual quadro religioso brasileiro.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Ronaldo de; BARBOSA, Rogério. Transmissão religiosa nos domicílios brasileiros. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *Religiões em movimento*: o Censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 311-328.

ARRIBAS, Célia. *Afinal, espiritismo é religião?* São Paulo: Alameda: FAPESP, 2010.

ARRIBAS, Célia. Política, gênero e sexualidade: controvérsias espíritas entre progressistas e conservadores. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, São Carlos, v. 10, n. 2, p. 613-638, 2020.

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. *A mesa, o livro e os espíritos*: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Maceió: EdUFAL, 2009.

BASTIDE, Roger. Le spiritisme au Brésil. *Archives de Sociologie des Religions*, Paris, n. 24, p. 3-16, 1967.

BIRMAN, Patrícia. *Fazer estilo criando gêneros*: possessão e diferenças de gênero em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: EdUERJ: Relume Dumará, 1995.

BROWN, Diana. Uma história da umbanda no Rio. *Cadernos do ISER*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 9-42, 1985.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Kardecismo e umbanda*: uma interpretação sociológica. São Paulo: Pioneira, 1961.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. A teoria do "continuum mediúnico" de Cândido Procópio Camargo nos anos 1960-1970: atualizações e transformações contemporâneas. *Religare*, João

Pessoa, v. 14, n. 1, p. 5-27, 2017.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Conservadores x progressistas no espiritismo brasileiro: tentativa de interpretação histórico-hermenêutica. *Plural*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 136-160, 2021.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. O espiritismo como religião mediana do campo religioso brasileiro: entre a constância e pequenas oscilações. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *A ciranda dos números*: religiões no censo 2022. Petrópolis: Vozes, 2026. p. 145-159.

DAMASIO, João. Por que o número de espíritas no Brasil diminuiu. *Religião e Poder*, Rio de Janeiro, 3 jul. 2025. Disponível em: https://religiaoepoder.org.br/artigo/por-que-o-numero-de-espiritas-no-brasil-diminuiu. Acesso em: 9 out. 2026.

DEUS, Lucas Obalera de. *Por uma perspectiva afroreligiosa*: estratégias de enfrentamento ao racismo religioso. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2019.

DUCCINI, Luciana; RABELO, Miriam C. M. As religiões afrobrasileiras no Censo de 2010. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *Religiões em movimento*: o Censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 219-234.

FRY, Peter. *Para inglês ver*: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GIUMBELLI, Emerson. Caridade, assistência social, política e cidadania: práticas e reflexões no Espiritismo. *In*: LANDIM, Leilah (org.). *Ações em sociedade*. Rio de Janeiro: ISER: NAU, 1998. p. [páginas].

GIUMBELLI, Emerson; MACHADO, Carlos Henrique. Religiões afro-brasileiras: como (des) aparecem nos censos populacionais. *Religião em Debate*, [S. l.], 26 fev. 2026. Disponível em: https://religiaoemdebate.com.br/2026/02/26/religioes-afro-brasileiras-como-desaparecem-nos-censos-populacionais/. Acesso em: 8 out. 2026.

GUIMARÃES, Fernando de Souza. *Corpo e espírito*: representações da homossexualidade no espiritismo de duas cidades paulistas. 2018. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido*: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

IBGE. *Censo demográfico 2022*: religiões: resultados preliminares da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102182.pdf. Acesso em: 05 out. 2026.

ISER. *Um Brasil mais plural?* Reflexões sobre os dados de religião do Censo 2022. Rio de Janeiro: ISER, 2025. Disponível em: https://religiaoepoder.org.br/artigo/um-brasil-mais-plural-um-primeiro-olhar-sobre-os-dados-de-religiao-do-censo-2022. Acesso em: 9 out. 2026.

LACERDA, Lucas; SANTOS, Natália; BALLOUSSIER, Anna Virgínia; PRETTO, Nicholas. Adeptos de religiões de matriz africana triplicam no Brasil e chegam a 1% da população, diz Censo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 6 jun. 2025. Disponível em: [URL]. Acesso em: 09 out. 2026.

LEWGOY, Bernardo. *O grande mediador*: Chico Xavier e a cultura brasileira. Bauru: EDUSC: PRONEX/CNPq, 2004.

LEWGOY, Bernardo. Incluídos e letrados: reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *As religiões no Brasil*: continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 174-188.

LEWGOY, Bernardo. Uma religião em trânsito: o papel das lideranças kardecistas na transnacionalização do espiritismo brasileiro. *Ciencias Sociales y Religión*, Campinas, v. 13, p. 93-117, 2011.

LEWGOY, Bernardo. A contagem do rebanho e a magia dos números: notas sobre o espiritismo no Censo de 2010. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *Religiões em movimento*: o Censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 191-202.

MAFRA, Clara. Números e narrativas. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 13-25,

2013.

MAGGIE, Yvonne. *Medo do feitiço*: relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo de 2010. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, 2013.

MARIZ, Cecília Loreto; GRACINO JÚNIOR, Paulo. As igrejas pentecostais no Censo de 2010. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *Religiões em movimento*: o Censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 161-174.

MIRANDA, Ana Paula Mendes de. A "política dos terreiros" contra o racismo religioso e as políticas "cristofascistas". *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 21, n. 40, p. 17-54, 2021.

MONTERO, Paula. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 74, p. 47-65, 2006.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; SILVA, Daniel Salomão. Análise da religião do brasileiro no Censo 2022: vieses e previsões não confirmados. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, e230305, 2025.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a cruz e a encruzilhada*: formação do campo umbandista em São Paulo. São Paulo: EdUSP, 1996.

NOVAES, Regina. Sem religião: quem são, onde estão e para onde vão? Movimentações no campo religioso brasileiro. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *A ciranda dos números*: religiões no censo 2022. Petrópolis: Vozes, 2026. p. 122-143.

GIELOW, Igor. Datafolha: Lula tem 51% entre jovens de capitais, ante 20% de Bolsonaro. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 jul. 2022. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/07/datafolha-lula-tem-51-entre-jovens-de-capitais-ante-20-de-bolsonaro.shtml. Acesso em: 5 out. 2026.

ORO, Ari Pedro. No Brasil as tendências religiosas continuam: declínio católico e crescimento evangélico. *Debates do NER*, Porto Alegre, v. 20, n. 37, p. 69-92, 2020.

ORO, Ari Pedro. Religiões afro-riograndenses: reminiscências de três décadas de pesquisa. *Debates do NER*, Porto Alegre, n. 46, p. 1-35, 2025.

ORO, Ari Pedro. Apontamentos para entender o aumento do campo afrorreligioso no Censo 2022. *Religião em Debate*, [S. l.], 12 mar. 2026. Disponível em: https://religiaoemdebate.com.br/2026/03/12/apontamentos-para-entender-o-amento-do-campo-afrorreligioso-no-censo-2022/. Acesso em: 4 out. 2026.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro*: umbanda e sociedade brasileira. Petrópolis: Vozes, 1978.

PEREIRA, Francisco Jomário. *"Transar pode, mas você não deveria"*: a representação da homossexualidade no discurso espírita brasileiro. 2020. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Bye bye, Brasil: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo (org.). *A realidade social das religiões no Brasil*: religião, política e sociedade. São Paulo: Hucitec, 1996.

PINTO, Bryan Henrique. *As encruzilhadas de sincretismo, transe, gênero e sexualidade em dois terreiros de umbanda de São Carlos-SP*. 2025. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2025.

PRANDI, Reginaldo. *Os mortos e os vivos*: uma introdução ao espiritismo. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras em ascensão e declínio. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *Religiões em movimento*: o Censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 203-218.

PRANDI, Reginaldo. *Brasil africano*: deuses, seguidores e sacerdotes. São Paulo: Arché, 2023.

PRANDI, Reginaldo. Gênero e senioridade no candomblé: notas sobre uma religião inclusiva. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 45, n. [número], p. 1-19, 2025.

PRANDI, Reginaldo; CARNEIRO, João Luiz. Religiões afro-brasileiras? Presentes! *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *A ciranda dos números*: religiões no censo 2022. Petrópolis: Vozes, 2026. p. 160-173.

ROCHA, Cristina. A globalização da cura espírita: biomedicina, João de Deus e seus seguidores australianos. *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 95-116, 2015.

SANCHIS, Pierre. Cultura brasileira e religião: passado e atualidade. *Cadernos CERU*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 71-92, 2008.

SANTOS, Sérgio Baptista dos. A política do reconhecimento: o debate entre Taylor, Honneth e Fraser. *Revista Estudos Políticos*, [S. l.], v. 12, n. 23, p. 106-120, 2021.

SIGNATES, Luiz. Espiritismo e política: os tortuosos caminhos do conservadorismo religioso e suas contradições no Brasil. *Caminhos*, Goiânia, v. 17, p. 138-154, 2019.

SOUZA, André Ricardo de. As cirurgias na medicina do além. *In*: SOUZA, André Ricardo de; SIMÕES, Pedro; TONIOL, Rodrigo (org.). *Espiritualidade e espiritismo*: reflexões para além da religiosidade. São Paulo: Porto de Ideias, 2017. p. 113-138.

SOUZA, André Ricardo de. *O cristianismo brasileiro contemporâneo*: aspectos econômicos, assistenciais, políticos e ecumênicos. São Carlos: EdUFSCar: FAPESP, 2024.

SOUZA, André Ricardo de; ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro de. O Evangelho segundo o Espiritismo e a afirmação espírita cristã. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 22, p. 1-20, 2024.

SOUZA, André Ricardo de; ARRIBAS, Célia da Graça; SIMÕES, Pedro. Feições expressivas do movimento espírita brasileiro. *Religare*, João Pessoa, v. 14, n. 1, p. 29-59, 2017.

SOUZA, André Ricardo de; SIMÕES, Pedro. O enfrentamento espírita da pandemia do Covid-19 no Brasil. *Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, v. 17, n. 1, p. 136-145, 2022.

SOUZA, André Ricardo de; TORRES, Natália Cannizza. As duas faces evangélicas do espiritismo brasileiro. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 1, p. 221-239, 2022.

STERN, Fábio L.; RIBEIRO JÚNIOR, Adair. As estatísticas do espiritismo no censo brasileiro. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, e230306, 2025.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *A ciranda dos números*: religiões no censo 2022. Petrópolis: Vozes, 2026.

TONIOL, Rodrigo. Censo de 2022 e religião no Brasil. *Horizonte em Debate*, Porto Alegre, v. 31, n. 72, e720701, 2025.

TORRES, Natália Cannizza. *"Jesus a porta, Kardec a chave"*: a apropriação do Novo Testamento pelo segmento espírita. 2019. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

VITAL DA CUNHA, Christina. Decepção ou interesses contrariados? Uma recepção dos dados do IBGE sobre religião. *In*: ISER (org.). *Um Brasil mais plural?* Reflexões sobre os dados do censo de 2022. Rio de Janeiro: ISER, 2025. p. 77-82.

Recebido em: 27/05/2026

Aprovado em: 13/10/2026

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editores responsáveis: André Ricardo de Souza & Paulo Gracino Júnior